



Fora de Quadro – Dossiê Temático

Olhares para os públicos de cinema na América Latina

**Ruínas de cinemas:
um ensaio fotográfico sobre vestígios cinematográficos****Ruinas de cines:
ensayo fotográfico sobre vestigios cinematográficos****Cinema ruins:
a photo essay on cinematographic traces**Talitha Ferraz^IUniversidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1377-1424>Helena Zimbrão^{II}Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0009-0009-1367-5393>

Resumo: Este ensaio fotográfico apresenta as imagens de ruínas de três cinemas de rua que ficavam localizados no subúrbio carioca da Zona da Leopoldina, Rio de Janeiro. Propomos a reflexão sobre o estado de abandono de extintos equipamentos coletivos de lazer cinematográfico, tendo em vista o papel histórico que a sala de cinema desempenha entre os demais dispositivos técnico-midiáticos de acesso ao filme e nas dinâmicas de sociabilidade e pertencimento local/identitário dos indivíduos.

Palavras-chave: Cinema de rua; Ruínas; Ensaio fotográfico; Nostalgia.

Resumen: Este ensayo fotográfico presenta imágenes de las ruinas de tres cines de calle ubicados en el suburbio carioca de la Zona da Leopoldina. Proponemos una reflexión sobre el estado de abandono de las extintas instalaciones colectivas de ocio cinematográfico, teniendo en cuenta el papel histórico que desempeña el cine entre los demás dispositivos técnico-midiáticos de acceso al cine, así como en las dinámicas de sociabilidad y pertenencia local/identitaria de los individuos.

Palabras clave: Cine de calle; Ruinas; Ensayo fotográfico; Nostalgia.



Abstract: This photo essay presents images of the ruins of three sidewalk cinemas that used to be located in the Rio de Janeiro suburb of Zona da Leopoldina. We propose a reflection on the abandoned condition of extinct collective cinematographic leisure facilities, considering the historical role that the cinema plays among the other technical-media devices for access to film and in the dynamics of sociability and local/identity belonging of individuals.

Keywords: Sidewalk cinemas; Ruins; Photo essay; Nostalgia.

Introdução

A “[...] história não constitui um processo de vida eterna, mas de inevitável declínio”, já postulava Walter Benjamin (1984, p. 200) em *A origem do drama barroco alemão*, tese na qual o pensador moderno antecipou algumas bases de sua filosofia da história. Nessa obra, Benjamin explora o estilo alegórico do Barroco, encontrando nas estruturas desse gênero o reflexo das crises que se abateram sobre o classicismo de século XVII. Segundo a perspectiva benjaminiana, é por meio da linguagem alegórica que a morte, o inacabamento e a transitoriedade se apresentam como elementos de uma “história-destino” ou “história-natureza”, evidenciando que o mundo nada mais é do que um campo de ruínas e um depósito de ossadas, isto é, a arena dos fragmentos mortos daquilo que restou da vida (Rouanet, 1984, p. 39).

Apresentamos o ensaio fotográfico abaixo através destas breves notas introdutórias, inspiradas pelas lentes de Benjamin, com o objetivo de destacar a questão das ruínas de antigos cinemas de rua. Trata-se de um assunto que tem mobilizado diversos tipos de ações e debates sobre as condições de preservação, o desaparecimento e os destinos de equipamentos coletivos de lazer cinematográfico localizados em vários contextos urbanos mundo afora. A preocupação com a sobrevivência de prédios de extintos cinemas não apenas levanta tópicos acerca da proteção patrimonial, arquitetônica e cultural desses marcos referenciais citadinos, mas também enseja reflexões sobre o papel histórico que a sala de cinema desempenha entre os demais dispositivos técnico-midiáticos de acesso ao filme e nas dinâmicas de sociabilidade e pertencimento local/identitário dos indivíduos (aqui entendidos tanto como habitantes e transeuntes quanto como públicos cinematográficos).

As fotografias a seguir retratam os estados atuais de três cinemas de rua que existiram no subúrbio carioca da Zona da Leopoldina, uma área da cidade do Rio de Janeiro, que durante boa parte do século XX abrigou palácios cinematográficos



estrategicamente situados em frente ou nas imediações das estações de trem dos bairros cortados pela ferrovia *Leopoldina Railway*. De todos esses “cinemas de estação” da Zona Leopoldina (Ferraz e Caiafa, 2012; Ferraz, 2015), nenhum sobreviveu à onda de fechamentos que, principalmente a partir dos anos 1980, eclipsou a forte relação entre os bairros proletários da região e a exibição cinematográfica que lá se materializava através do encontro dos indivíduos com a grande tela. A maioria dos extintos cinemas leopoldinenses teve seus prédios ocupados por outras funções, de ordem não cultural; já o restante das antigas salas exibidoras, foi simplesmente demolido ou permanece abandonado, sujeito a processos de deterioração por décadas e décadas. Este é justamente o caso dos cinemas *Rosário/Ramos* (1938 – 1992), *Santa Helena/Olaria* (1942 – 1997) e *Rio Palace* (1962 – 1972), cujos resquícios aparecem nas fotos deste ensaio, as quais foram registradas em uma pesquisa de campo realizada pelas autoras em fevereiro de 2025.¹

Neste trabalho ensaístico-crítico pretendemos provocar indagações sobre o declínio desses cinemas, tendo em vista as complexas interações do tempo (naturais, culturais, sociais, urbanas, mercadológicas, tecnológicas, entre outras) que atuaram no desmantelamento das estruturas físicas que veremos em sequência, mas, sobretudo, reconhecendo que cada ruína de extintos equipamentos coletivos de lazer cinematográfico traz infiltrada em si a reverberação de emoções, imagens e sensorialidades que ali um dia se engendraram. Esse processo nos leva, inevitavelmente, a refletir sobre um passado que se foi, cujos vestígios ainda presentes nos provocam inquietações e movimentam a produção de imaginários sobre promessas de um presente e de futuros frustrados, não realizados.

O expediente da nostalgia – que facilmente pode ser atrelada a tais inquietações e imaginários, despertando, inclusive, posturas de *ruinophilia* – não impede que nossa *escavação das ruínas* de cinemas também esteja atenta às políticas de apagamento e destituição cultural que atingem a infraestrutura material e social de bairros suburbanos cariocas ao longo dos anos. O abandono de cinemas em tais regiões não deixa de fazer parte do desinteresse público e privado pela vida sociocultural de populações mais pobres – algo que, claramente, vincula-se a outros vetores que incidem nos casos de arruinamento de cinemas de rua (por exemplo, as próprias transformações industriais e tecnológicas cinematográficas, as reorganizações do lugar do lazer em grandes e pequenas cidades etc.).

¹ O *Cinema Rosário* mudou de nome para *Cinema Ramos*, em 1981, e o *Cinema Santa Helena* foi rebatizado como *Cinema Olaria*, em 1974.

A palavra “ruína”, termo advindo do latim *ruīna* a partir do verbo *ruĕre*, reúne na língua portuguesa acepções como colapso, queda, destruição, decadência, dano irreparável, ou seja, o esgotamento de uma totalidade ou a interrupção da permanência. O cinema, fruto da mesma modernidade fragmentária a qual Benjamin se refere, talvez nunca tenha sido uma matéria eterna, imutável, constante. O cinema guarda em seu íntimo o índice de sua própria mutabilidade, trilhando suas histórias sempre à beira de si mesmo, entre limiares e devires, o que, portanto, atrela a sua “natureza” à ordem da impermanência.

Este ensaio fotográfico² propõe a visualização dos vestígios deixados por cinemas de rua que um dia fizeram parte das dinâmicas urbanas dos bairros de Ramos e Olaria; são traços, ruídos, dejetos, entulhos, assombros e escombros que indicam a existência pretérita de épocas de glória da exibição cinematográfica; tais índices igualmente remetem à inevitável ação do tempo – que, nas palavras de Benjamin (1984), exerce o seu direito sobre todas as coisas – e à ferocidade dos projetos humanos de destruição deliberada, desapego ou desprezo por tudo aquilo que não corresponde mais aos interesses do presente imediato.

² Dividimos as fotografias em duas seções correspondentes às ideias de ruínas em si (no caso dos prédios dos cinemas *Rosário/Ramos* e *Santa Helena/Olaria*, que ainda se mantêm de pé, a despeito das condições de deterioração) e de escombros (no caso do terreno e das estruturas destruídas do antigo *Cine Rio Palace*).

**Ruínas**

Figura 1: Cine Rosário/Cine Ramos beirando a linha ferroviária da SuperVia (que hoje incorpora a antiga Leopoldina Railway), na estação de Ramos. Fonte: Pesquisa de campo (2025).



Figura 2: Fachada *art déco* das ruínas do antigo *Cine Rosário/Cine Ramos*, situado no bairro de Ramos. Fonte: Pesquisa de campo (2025).



Figura 3: Os moradores Daisy e Gil compartilham suas lembranças sobre o *Cine Rosário/Cine Ramos*, no terraço de sua casa, em frente à lateral do extinto cinema. Fonte: Pesquisa de campo (2025).



Figura 4: A interlocutora Daisy e os detalhes das ruínas do *Cine Rosario/Cine Ramos*.
Fonte: Pesquisa de campo (2025).



Figura 5: Ruínas do extinto *Santa Helena/Cine Olaria*, localizado no bairro de Olaria.
Fonte: Pesquisa de campo (2025).



Figura 6: Torre do antigo *Cine Santa Helena/Cine Olaria*. Fonte: Pesquisa de campo (2025).



Figura 7: Detalhes do portão dos fundos e da lateral do extinto *Cine Santa Helena/Cine Olaria*. O prédio do cinema funcionou durante muitos anos como depósito da *Cinemas São Luiz S.A.* (empresa de exibidora da família Severiano Ribeiro). Fonte: Pesquisa de campo (2025).

**Escombros**

Figura 8: Interior do que um dia foi o *Cine Rio Palace*, o primeiro cinema do Rio de Janeiro construído dentro de um centro comercial, localizado entre os bairros de Bonsucesso e Ramos.
Fonte: Pesquisa de campo (2025).

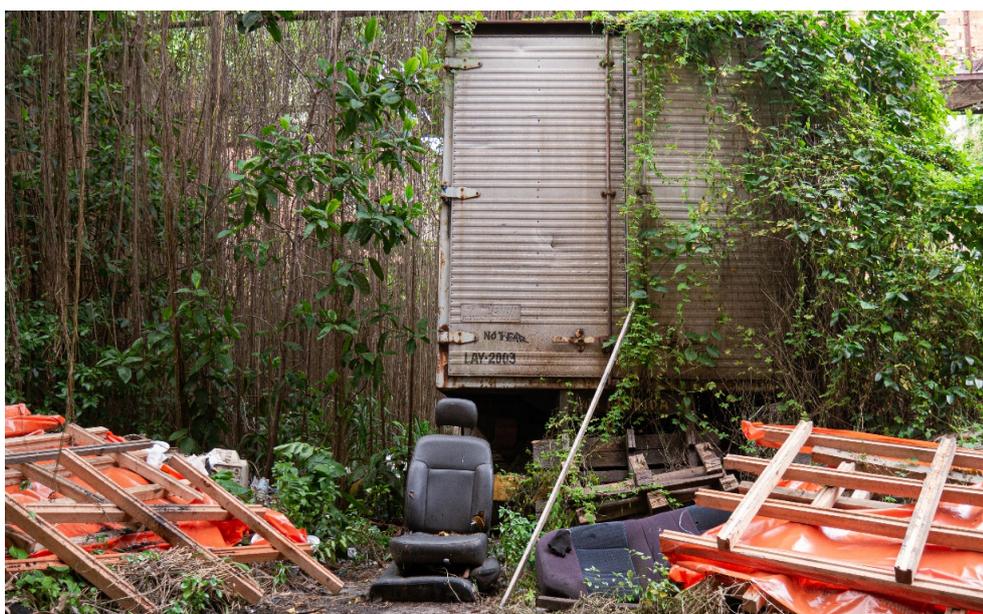


Figura 9: Entulho em meio aos escombros do *Cine Rio Palace*. Fonte: Pesquisa de campo (2025).



Figura 10: Trabalhadores limpam o terreno do antigo Cine Rio Palace.
Fonte: Pesquisa de campo (2025).

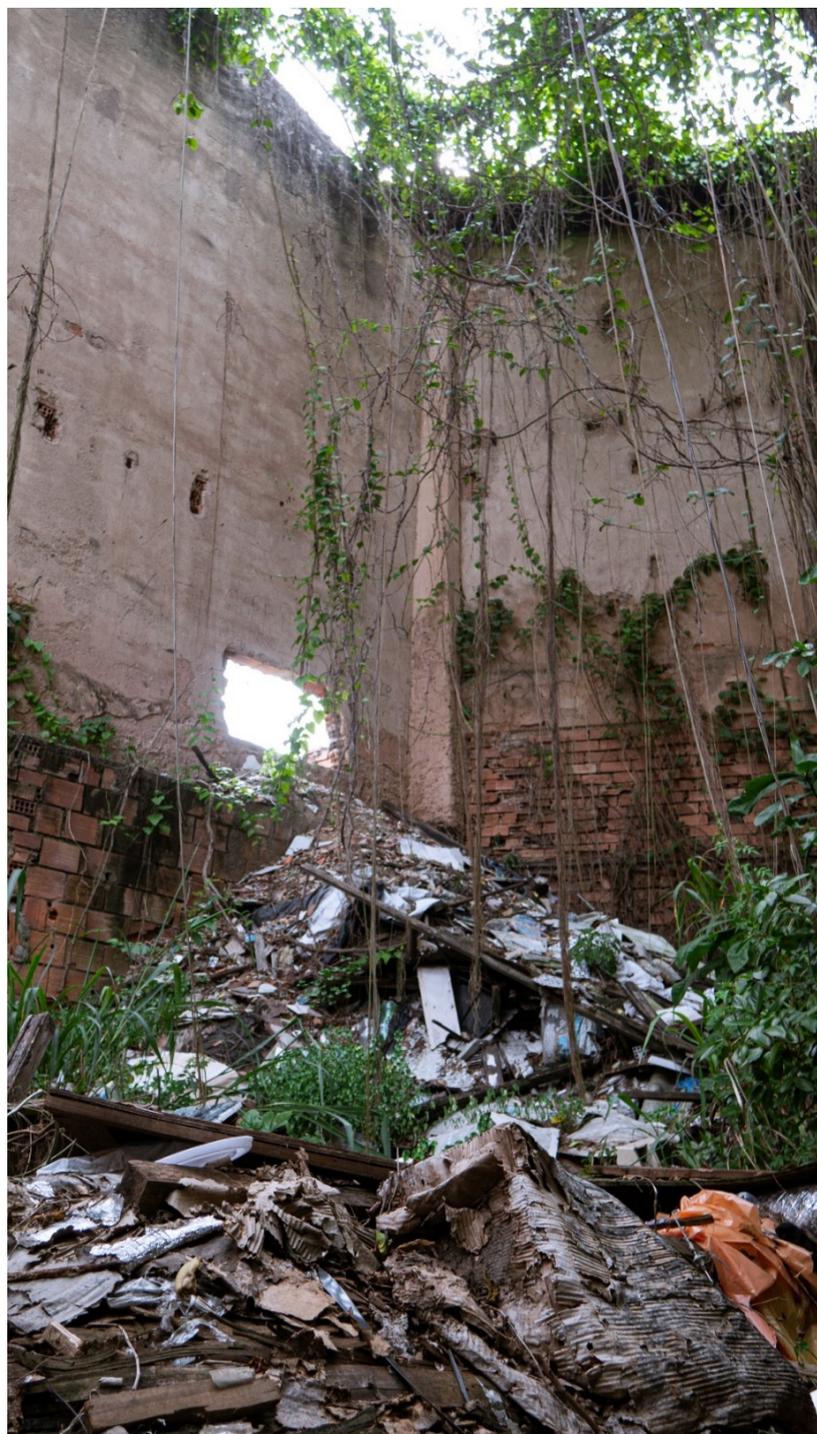


Figura 11: Entulho e escombros do antigo *Cine Rio Palace*.
Fonte: Pesquisa de campo (2025).



Figura 12: Entulho, lixo, mato alto e escombros do antigo *Cine Rio Palace*.
Fonte: Pesquisa de campo (2025).

Breves notas etnográficas finais

Fevereiro. Um típico dia quente do verão carioca, quando, na Central do Brasil, pegamos o trem do ramal Saracuruna e saltamos na estação de Ramos. A primeira foto desse ensaio ilustra exatamente a visão que tivemos ao sair do vagão: um viaduto que corta a SuperVia por cima e, ao fundo, o imperioso prédio do *Cine Rosário/Ramos* arruinado. Buscamos algum possível interlocutor nos estabelecimentos que circundam o edifício: “Tem um rapaz que de vez em quando aparece aí. Ele tem as chaves, mas não sei se veio hoje... Deve ter ido almoçar”, foi o que nos disse o porteiro do prédio azul ao lado.

Cruzamos a esquina e nos deparamos com uma cena comum aos imaginários sobre os bairros do subúrbio do Rio: uma senhora sentada na varanda de casa, vendo a vida passar através das grades do portão. Seu nome era Daisy e tão logo a revelamos o motivo de nossa expedição – os cinemas abandonados da Zona da Leopoldina –, ela e seu simpático irmão, Gil, nos convidaram para entrar, pois do terraço da casa era possível ter uma boa visão das ruínas do antigo *Rosário/Ramos*. Enquanto tirávamos fotos, eles compartilharam conosco lembranças da época em que frequentavam o cinema. O que veio imediatamente à tona na fala dos dois foram as suas memórias ligadas à cor vermelha das poltronas e às sessões lotadas de *E.T. O Extraterrestre* (Steven Spielberg, 1982) e das franquias de filmes dos Trapalhões.

Seguimos dali em direção a Olaria, chegando ao desértico entorno do *Cine Santa Helena/Olaria*. Compondo essa paisagem de fraca dinâmica urbana e várias lojas fechadas, os vestígios de um dos mais tradicionais cinemas de rua suburbanos resistem. A sua torre inconfundível, marco referencial da esquina entre a Rua Uranos e a Travessa Etelevina, ainda orna a decadente construção dos anos 1940 inspirada na arquitetura neocolonial hispânica (Costa, 2011, p.145).

Depois dos registros fotográficos, e ressabiadas com o risco de permanecermos sozinhas em um pedaço tão ermo, andamos até a parte mais habitada da Rua Uranos e entramos em uma pequena loja de artigos para celulares a fim de comprar água e chamar um carro de *Uber*. Uma jovem vendedora nos atendeu e, enquanto esperávamos pelo motorista, contamos sobre o nosso trabalho de campo e a ouvimos falar acerca do processo de desertificação e perigos de assalto que atingem transeuntes e moradores daquela área, a exemplo dela mesma. A moça destacou que o complexo exibidor mais próximo de sua casa é o *Kinoplex* localizado no Shopping Nova América, em Del Castilho, e que, pela pouca idade, não chegou a conhecer o *Santa Helena/Cine*



Olaria, mas sua mãe, sim. As memórias sobre sessões nesse cinema de rua, nesse caso, são herdadas de mãe para filha. Naquele momento, a dimensão de presença-ausência das ruínas de cinemas se tornou ainda mais nítida.

O último destino de nossa missão foi desafiador e encerrou a pesquisa de campo dando-lhe um tom de marcha fúnebre. Adentramos com dificuldade os escombros do *Cine Rio Palace*, pois, além dos entulhos e do mato alto, havia uma quantidade consideravelmente perigosa de mosquitos – principalmente em tempos de surto de dengue. Em condições insalubres e sem nenhum tipo de equipamento de proteção individual, um grupo de trabalhadores limpava o terreno. Tentamos abordá-los, a fim de obtermos mais informações sobre a retirada do lixão, mas uma moça rapidamente interveio de maneira bastante ríspida, dizendo que não poderíamos estar ali sem autorização prévia.

A pesquisa de campo escancarou não apenas a presença fantasmagórica dos antigos cinemas de bairro da Zona da Leopoldina, mas também o impacto de um projeto político segregacionista que insiste em afastar o lazer e a cultura das periferias. Os palácios cinematográficos, outrora vibrantes e acessíveis, cedem lugar ao silêncio, ao abandono à precarização. Ainda assim, nosso esforço com este ensaio fotográfico é o de fazer ecoar os risos, os choros, os olhos vidrados na tela e tantas outras memórias e sensações que resistem entre ruínas e escombros.

Referências

BENJAMIN, Walter. **A origem do drama barroco alemão**. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA, Renato Gama-Rosa. **Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FERRAZ, Talitha. Os lugares dos cinemas no subúrbio carioca da Leopoldina: falências, usos e destinos da sala de exibição. **Contemporânea**. Revista de Comunicação e Cultura, v. 13, n. 1, p. 193-209, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v13i1.13140>. Acesso em: 06 jul. 2025.

FERRAZ, Talitha e CAIAFA, Janice. Comunicação e sociabilidade nos cinemas de estação, cineclubes e multiplex do subúrbio carioca da Leopoldina. **Galáxia**, n. 24, p. 127-140, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/10374/9431>. Acesso em: 06 jul. 2025.



ROUANET, Sergio Paulo. Apresentação. In: BENJAMIN, Walter. **A origem do drama barroco alemão**. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

¹ Talitha Ferraz

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professora do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Brasil.

E-mail: talitha.ferraz@gmail.com

^{II} Helena Zimbrão

Realiza mestrado no Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: zimbraoh@gmail.com